

SONHANDO.

Não é possível emoldurar n'um quadro feito de recordações o alvoroço popular e a solemnidade da camera dos srs. deputados desde o dia em que a palavra do ministério deixou na consciencia de todos a convicção de que vamos ser finalmente uma patria de irmãos.

Não se descreve a erupção electrica do applauso das bancadas parlamentares, das galerias, das tribunas, de senhores e de cavalheiros da mais fina roda, de toda a parte, enfim, onde um coração patriótico ouvia o compromisso ministerial de extinguir immediatamente e incondicionalmente a escravidão.

Dir-se-hia que a voz popular era feita com o rugido de tres seculos que se desopprimiam do silencio fatal imposto a milhões de homens; que o recinto da camera se havia convertido n'um valle de Josaphat, onde resurgiam, reencarnavam-se, todas as gerações mortas pela pirataria, para acclamar com uma só alma e uma só voz a restauração da igualdade humana.

No meio daquelle sussurro religioso, como dos carvalhos de Dodona, deixando sem folego aquella anciedade, aquella nevrose de entusiasmo, levantou-se Joaquim Nabuco.

A sua palavra construiu desde logo uma muralha de estrellas em derredor do ministério.

O orador parlamentar dos captivos accellou do frente e em campo aberto o combate, que insidiosamente era oferecido ao ministério, e grande, extraordinario, incomparavel, com uma energia selvagem, entrou na peleja como se fosse um deus. Parecia que se estava servindo de uma arma ingente: um arco feito com a curva de uma aurora, tendo como corda a linha recta da honra. Alargava-se á gente que o tremendo sagitário sagrado trazia como aljava uma nebulosa, cheia de pequeninos sóes, que lhe serviam de balas.

A conspiração dos interesses partidarios desfez-se instantaneamente; as paixões se transubstanciaram em sentimentos liberais.

Joaquim Nabuco deu voz ao arrependimento de todos os partidos. Depois daquelle confissão em voz alta, como nos primeiros tempos do christianismo, a patria fez a sua primeira communhão de fraternidade.

Foi o sr. Rodrigo Silva, ministro da agricultura, o incumbido de pontificar a missa nova da redempção nacional. A hostia que elle levantou, não ao titillar de campainhas, mas ao estrondear de palmas e acclamações de um povo delirante, foi esse projecto branco, como a pomba da arca, leonico como o relampago, que desfaz uma nuvem negra.

Desde este momento tornou-se impossível ver o que se passou. As petalas de rosas esvoejavam, lembrando a chuva de ouro mythologica dos amores da suprema divindade olympica, os nubarrões mysteriosos de que resultavam semi-deuses.

Sentia-se que estava fecundando naquello momento o ovulo da grandeza nacional; que dali, daquelle recinto, ia sair uma deusa mais formidável que a bella e terrível Pallas: a Patria brasileira, grande na sua magnanimidade, inexcedível na sua abnegação no serviço da civilização.

Chiu no meio da festa um insulto: o povo saltou por cima delle e perdoou, como lhe cumpria, honrando na liberdade de opiniões alheias a sua idoneidade para usar da propria.

Vê-se que a Rotina, cochicha, gosculia, siranda de bancada em bancada, a soprar no cinzeiro das paixões a brasa do despeito. Os encapitados espreitam-se, intelligenciam-se pelo amuo, pelo encolher de hombros, pela troca de batidelas de palpebras. Mas a camera não se detem.

Está dentro della uma força irresistível, feita com o vapor da opinião, da phrase de Joaquim Nabuco, e ella, por proposta do heroe abolicionista, vota immediatamente a commissão especial que deve dar parecer sobre a proposta do governo; a commissão lavrou immediatamente o parecer, com a febre humanitaria da convenção ao decretar lei identica.

O povo delira, ha risos, lagrimas, abraços. A nação se reconhece homogenea, solidaria. Grandes proprietarios de escravos hontem, regosijam-se por adquirirem do chofre milhares de concidadãos.

O delirio transborda do recinto para a rua, onde as gyrandalas sobem festivamente ao ar, a musica toca o Hymno Nacional, os estandartes da Confederação Abolicionista agitam-se, a acclamação sobe com o estentor de milhares de vozes.

O governo e a camera vem confraternisar com o povo ás janellas do palacio legislativo.

Cada ministro que chega é recebido por um deluvio de palmas e de vivas. A onda popular afflue e reflue, com a unctuosidade do rolo, tão compacta é.

Não se esquece o ministro ausente, de cada vez que se sauda um dos presentes.

Viva Antonio Prado! repete incessantemente a multidão.

Chega a janella Joaquim Nabuco e o povo o victoriza, com esse enthusiasmo que só a fidelidade aos principios inspira.

É elle o triumphador. Tem os cabellos ainda empastados de suor e de petalas. Erecto, immovel, extatico, alli está grande e solemne, como ha de ser guardado na memoria da gratidão nacional, na estatua que elle mesmo fundiu com o fogo da sua palavra, com o bronze do seu caracter.

Depois de um minuto seculo, elle volta a si, e vê então o povo, desceoberto como diante de um idolo, e levanta vivas a Princeza Imperial, ao senador Dantas, ao ministério, á Nação Brasileira.

Mas a alma abolicionista não se contenta, não julga ter-se expandido bastante.

A Confederação posta os seus estandartes á porta da entrada dos ministros, enfileira-se sob o alpendre, e de modo faz com que passem entre alas do povo os ministros que se retiram.

Recomeça a acclamação febril, indisciplinavel. Cae uma chuva de flores sobre cada ministro que passa.

Assoma a porta o sr. João Alfredo, o povo enlouquece, abraça-lhe o peito, as pernas, carrega-o sobre os hombros, leva-o ao carro e, quando este quer seguir, a multidão que se conservava de pé, a dar palmas ao presidente do conselho, cerca a carruagem, com a rapidez de um salto, e retira a parelha. A scena toma as proporções de uma divinição.

—Queremos carregal-o! Ha de ser carregado!

É preciso que a Confederação intervenha para evitr que a propria gloria do presidente do conselho violentasse-lhe a modestia.

O sr. João Alfredo é obrigado a fugir da sua apothese, pallido, commovido, elle, o homem imperturbavel. Quando sahe o sr. Ferreira Vianna homems de cor se ajoelham, beijam-lhe os pés, e elle, tomando ao acaso um delles, beija-o longamente, celebrando deste modo o consorcio eterno da raça negra com a liberdade.

A Confederação Abolicionista organiza o prestito, rodeia a camera, como cerimonia de benção, e desfila pela rua da Misericórdia.

Ao entrar na rua 1.ª de Março, vêem uma das janellas do Hotel do Globo um dos seus benemeritos, o dr. Affonso Celso Junior.

A precissão dirige-se para junto da janella e apresenta os seus estandartes ao joven batalhador, cuja palavra e energia foram um dos pallidos das liberdades populares.

Affonso Celso Junior colhe a seda do estandarte da Confederação, abraça-a e depois deposita um beijo em uma das borlas da bandeira sagrada. A multidão acclama-o, enquanto a bandeira nacional, que é desfilada no estabelecimento, desce por tres vezes sobre a precissão patriótica.

O prestito segue e sobe a rua do Ouvidor.

Para em frente ao Paiz, a cordilheira luminosa, onde se aninham as aguias abolicionistas. Lá está nas janellas Joaquim Serra, o genio de cem cabeças, cujo suor é ora madrugada fulgurante, ora um meio-dia tropical; lá está Quintino Bocayuva, o Antheu da liberdade nacional, lá está Joaquim Nabuco.

Destaca-se lá um hospede: é André Rebouças, o colosso de talento e de coração, a alma mater da propaganda abolicionista.

A multidão não sabe como demonstrar a sua gratidão á sua imprensa, á sua fortaleza inexpugnável, a Malkoff gloriosa do seu direito.

Quintino e Nabuco fallam. O povo inunda. São milhares de pessoas! A rua do Ouvidor litteralmente cheia!

Faz-se alli a saudação de todos os vivos.

A memoria impecavel da gratidão victoriza quantos trabalharam mais poderosamente, os legendarios: Antonio Bento, Carlos de Lacerda, Carigé, João Cordeiro, João Ramos, André Rebouças, Raymundo de Souza, Ruy Barbosa, Nicolau Moreira...

Quantos? todos são lembrados. O nome do senador Dantas anda da bocca em bocca, como a seula sagrada das almas.

Em frente á Gazeta de Notícias renovam-se as acclamações. Ferreira de Araújo, ausente, é festejado como cumpre pelos seus relevantissimos serviços.

Nova estação em frente á Cidade do Rio.

José do Patrocinio agradece. Faz se a saudação á memoria dos grandes abolicionistas mortos: Luiz Gama, Ferreira de Menezes, José Bonifacio, Rio Branco, Euzebio de Queiroz e Diogo Feijó.

Já agora é impossível atravessar a rua. O estandarte da Confederação já está sendo abraçado pela redacção do *Diário de Notícias*; já das janellas do nosso illustre e benemerito colloga cahe sobre o povo uma chuva de flores e entretanto ha ainda aglomeração em frente a esta redacção.

Passa o velho e legendario abolicionista o sr. general Beaurepaire Rohan. A *Cidade do Rio* inunda o de flores e o povo o saudá.

O prestito chega á sua ultima estação: á *Revista Illustrada*. Angelo e Luiz de Andrade recebem do povo em ovacão estrepitosa um quinhão do muito que lhes devem os escravos.

Fallam agradecendo e após elles essa alma preciosa, esse talento privilegiado, esse a quem o futuro ha de reconhecer um presente divino á patria: Coelho Netto.

Para pedir ao povo que se dispersasse e agradecer-lhe a cooperação, toma a palavra João Clapp, o immortal presidente da Confederação Abolicionista.

É facil de imaginar o acolhimento feito pelo povo ao primeiro dos vencedores; o patriota *sans peur et sans reproche*, a cuja pertinacia e desassombro devem os escravos a liberdade. A's 3 1/4 da tarde, recolhia-se a Confederação, e na sala de nossa redacção dava-se a mais singella, porém a mais commovente das scenas do dia.

Os abolicionistas abraçavam-se e beijavam-se chorando e apertavam-se as mãos, reiteiravam o juramento á liberdade—vida e honra.

Sonhei, ou vi tudo isto? E' o que pergunto a mim mesmo, sem poder responder.

Si não fosse ver através de minhas recordações os dois punhados de lama atirados, um no senado, pelo sr. Gaspar Martins, outro na camera, pelo sr.

Andrade Figueira, ás faces da nação e no brilho da mais santa das causas, eu não acreditaria que uma pagina tão brilhante pudesse ser escripta na triste historia desta terra, minada pela inveja e corroída pela injustiça. Bemdito seja o povo; eu bem sabia que a sua consciencia era um Jordão abundante de aguas redemptoras para o baptismo do futuro nacional.

(Da Cidade do Rio.)

De beri-beri galopante falleceu hontem á noite Alcebiades da Silva Castello, catelro dos correios desta cidade.

A camera dos lords da Inglaterra, em sessão do dia 13 de abril, rejeitou o projecto que concedia ás mulheres o direito do voto.

A REVOLTA DA FOME.

Encontramos em correspondencias de Roma tristes e curiosos pormenores do levante de operarios, que alli hoove em março ultimo. Foi um espectáculo desolador e terrivel.

—Grupos de operarios famintos assaltavam os padeiros nas ruas e roubavam-lhes o pão!

—Na praça de Victor Maaoel havia um grande numero de familias de operarios que gritavam: —Temos fome! Queremos pão!

—Os grupos debandaram dessa praça, quando se aproximou a guarda municipal, e espalharam-se pelos bairros novos, com o fim de assaltar as lojas e apoderarem-se do pão!

—Pão! pão! era o grito geral.

—Os padeiros e os logistas não oppunham resistencia á multidão, e o pão era distribuido com certa ordem. Homens, mulheres e crianças agarravam ansiosamente o pão, devorando-o no mesmo instante.

—Porém muito poucas as padarias que escaparam ao assalto e ao saque, apesar da intervenção da guarda e das forças militares.

—Alguns trabalhadores apresentavam-se nas fabricas, pedindo trabalho para todos ou para nenhum e pretendiam que abandonassem a obra os que estavam a trabalhar.

—Nas officinas de Moroni, de Bulla e de Ronchetti, os que estavam não se quiseram unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—Por fim, tiveram de reunir-se aos manifestantes, que eram mais de 2,000, e com elles percorreram as ruas principaes da cidade. Levavam bandeiras com a legenda: —Pão e trabalho!—e gritavam descompostamente.

—Detidos no caminho pela força militar, atiraram algumas pedras aos soldados. Uma carga de cavallaria fez convergir os amotinados para a praça de Campidoglio. Ouvia-se um fragor formidavel como o de uma torrente, e a multidão ia engrossando, e engrossando...

—A's 2 horas da tarde appareceu, com alguns amigos, o deputado André Costa.

—A população gritou então: Viva Costa! Viva o deputado do povo! Temos fome! Queremos trabalho!

—As avenidas de Campidoglio foram occupadas pela tropa, de bayoneta calada, para impedir a passagem á multidão que, não tendo sahida alguma, invadiu o edificio da camera municipal. Começou então lucta terrivel, corpo a corpo, entre os assaltantes e a tropa.

—Os populares, avançando para os soldados, diziam: Não nos mateis! Somos vossos irmãos! Mas os soldados marchavam sempre, carregando sobre a multidão.

—No mais acceso da lucta, o deputado Costa pôz-se á frente dos populares, e dirigindo-se aos soldados exclamou: Baixem as armas! Aqui não ha malfetores, ha apenas famintos!

—Os guardas municipaes obedeceram, mas os soldados continuaram a bater-se.

—Houve, por fim, um momento em que cessou a lucta, e, dirigindo-se á multidão, Costa disse:

—«Amigos, socorrem; estamos aqui para fazer comprehender ao municipio o que desejam! Nomeiem uma commissão e depois veremos o que se ha de fazer.»

—Foi então nomeada uma commissão de 7 operarios e a gritaria terminou. Quando, depois da entrevista com os vereadores, um dos da commissão, empoletrado nos hombros de um outro operario, estava contando o que se tinha passado, sahio de um dos lados da praça de Campidoglio, uma companhia de infantaria, com a bayoneta calada.

—Quando vio os soldados, a multidão soltou gritos de terror e de raiva e novamente se travou a lucta corpo a corpo.

—Costa, que procurava socorrer a todos e impedir a lucta, esteve em risco de levar uma bayonetada. Os manifestantes decediam-se á pedrada.

—Alguns soldados e muitos operarios ficaram feridos.

—«Curiosa maneira essa de nos dar pão... matando-nos!—gritava um dos operarios feridos.

—«A multidão dispersou por fim, farta de gritar e de se bater. O deputado Costa sahio da praça de Campidoglio acompanhado por um grupo muito numeroso que o victoriava freneticamente.»

Para Alcantara e Sio Bento partirá amanhã ás sete horas do dia o vapor *Olorico Mendes*, que regressará á tarde.

Conforme uma estatística publicada n'um jornal allemão, o numero dos cegos existentes em todo o mundo póde calcular-se n'um milhão.

O Cairo é a cidade que conta mais cegos, podendo affiançar-se, sem exagero, que a porcentagem é de um cego por vinte habitantes.

A scena passa se em casa de um dentista.

O cliente entrando furioso: —O senhor poz-me outro dia um dente queixal, lembra-se?

—Perfeitamente.

—E lembra-se tambem de que me affiançou que era absolutamente como se fosse um dente natural.

—Exacto.

—Pois saiba que o meu dente postico faz-me soffrer horivelmente.

—E' justamente nisso que elle imita os dentes naturaes!

Realiza-se hoje a partida mensal do Club Hebe.

PENSAMENTOS DE JOÃO PAULO.

—Affirma o meu sempre respeitavel amigo Jacintho etc. do Amaral que as erupções do Vezuvo são muito menos perigosas do que as da linguaña afiada da boa da sua sogra, lá delle.

—O ciúme é a ortiga do amor.

—Um homem de bem nunca poderá ser um bom orador, porque só deve ter uma palavra.

O Club Artistico Abolicionista Maranhense vai solemnizar a extincção do elemento servil com uma sessão solemne, que se realizará amanhã ás sete horas da noite, no Theatro S. Luiz.

Bismarck, o famoso chancelier, não é só o primeiro diplomata da Alemanha, é tambem um dos primeiros negociantes de madeira.

Na diplomacia não ha victorias que não vença, mas na madeira ha duas pessoas tambem, só duas, que vendem mais em todo o imperio, o duque de Saxe Coburgo Gotha, senhor das florestas da Thuringia, e o principe de Fürstenberg, explorador da Floresta Negra.

As florestas que o príncipe de Bismarck explora são as de Friedrichshuie.

Publicou-se hoje o n. 3 99 da *Civilliação*.

MUERTA UNA MARIPOSA EN LOS LABIOS DE UNA DONA.

(A' Eduardo Patzão).

Da chamma pasto, mariposa louca Busca na luz sepulchro, fluctuante... Vio-a Lisarda e a magua em seu semblante

Offerece por sorte ver tão pouca

Quando suas azas por salva-a toca A avezinha, tornando a voar, errante, Grata beijil a vao, mas n'esse instante Expira entre os coraes da sua bocca.

Quve entretanto, victima querida, Quanta inveja te tenho, eu que sou forte,

Por em seus labios ver-te adormecida.

Quão desiguaes a tua e minha sorte! Se a tua morte dás por minha vida, En troco a vida pela tua morte.

GUIMARÃES PASSOS.

O sr. Pascoal João Paulo dos Anjos veio hontem ao nosso escriptorio communicar-nos que tendo requerido a tutoria d'um ingenuo, seo aliñado, foi-lhe esta negada, por falta de idoneidade, sendo o mesmo ingenuo dado em tutela a uma terceira pessoa.

O pae do menor, perilhando-o por escriptura publica, foi requerido ao sr. dr. juiz dos orphãos que lh'o mandasse entregar, tornando de nenhum effeito o termo de tutela.

Entregue o requerimento, indo dias depois saber do despacho um aprendiz do sr. Pascoal, não voltou mais, sendo esperado debalde pelo mestre, que mais tarde o vio em casa de uma pessoa a quem tinha sido dado, pelo sr. dr. juiz dos orphãos.

O pequeno tinha sido confiado ao sr. Pascoal, segundo communicação d'este, na occasião em que fez-nos a declaração do que acabamos de expor, pela sua propria mão, para aprender o officio de barbeiro, que o sr. Pascoal lhe estava ensinando.

Extorsões semelhantes tem sido trazidas ao nosso conhecimento, por parte de diversas mulheres, que se tem visto privadas de seus filhos, na fama que hoje ha de tutoria a torto e á direito, a ingenuos e a menores, filhos de mulheres livres.

Não somos em absoluto infensos ás tutorias que tem sido concedidas; muitas d'ellas evitarão que sejam fruidos os serviços dos ingenuos, por pessoas que d'elles se encarregariam para loqueletar-se com o seu trabalho.

Infelizmente, porém, a maior parte das tutulas de ingenuos tem sido conferidas, ao que nos consta, como expediente para indirectamente reviver-se a obrigação da prestação de serviços, terminada pela disposição do § 4.º art. 4.º da lei de 28 de Setembro de 1885.

E como tudo o que quer é um principio, das tutulas de ingenuos se tem passado para as de filhos de mulheres livres, que até hoje estavam em poder de suas mães, prestando-lhes os auxilios compatíveis com a sua idade e forças.

O fim d'estas tutorias, como é manifesto, não é o bem estar dos tutulados; é o bem estar dos tutores que ficão d'esta forma com criados gratis, sem se incommodarem com a educação d'elles.

Não é justo semelhante estado de cousas, quo é de esperar não continue.

Seja a tutela concedida, como é de lei, em beneficio dos menores, mas não em prejuizo d'elles.

Esta especulação deve cessar.

Não se realizou hontem a sessão do assembléa geral da Sociedade Soccorros Mutuos dos Maritimos para eleição da respectiva directoria, por falta de numero legal de seus membros.

Marcou-se nova reunião para o dia 28 do corrente, ás sete horas na noite, quando se effectuará a sessão com o numero que comparecer.

A *Revista de Cannes* dedicou o seu fasciculo de 1.º de Abril á S. M. o Imperador, manifestando ao Augusto Senhor a sympathia, a admiração e o reconhecimento da população daquelle cidade pelo hospede illustre, entre os illustres, que durante mezes logrou grangear em Cannes a dedicação respeitosa de todas as classes.

OBITOS.

Dia 25.

Januario Antonio Marinho, maranhense, 76 annos, congestão pulmonar.

Thomaz d'Aquino Lima, maranhense, 45 annos, interio colite.

Justina, filha de Felipe G. Corrêa, maranhense, 6 annos, tuberculos mesentericos.

Cincinato Alves dos Santos, maranhense, 31 annos, beriberi.

Em viagem extraordinaria partirá amanhã, á meia noite, para o Rosario o vapor *Lidador*.

Amanhã das onze horas do dia ás cinco da tarde estarão franqueados á visita das familias e cavalheiros que o quizerem ver, os vasos de guerra que constituem a divisão da esquadra de evoluções, ancorada em nosso porto.

Com grande concurrencia de familias e cavalheiros da nossa sociedade, effectou-se hoje, na capella da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, a missa á grande instrumentação que esta irmandade e o Club Musical Santa Cecilia mandaram celebrar para solemnizar a abolição do elemento servil.

Executou-se a grande partitura do maestro Leocadio Rayol, cantando os trechos principaes da missa as exmas. sras dd. Anna Esperança, Olinda Silva, Leonor Silva, Adelaide Aranha, Maria José Bello e Anna Serra, acompanhadas por diversos cavalheiros.

Dirigiu orchestra o sr. Antonio Rayol, regente do club.

Pregou ao Evangelho o revdm. sr. conego Baptista.

Devido a chuva não compareceram ao acto o exm. sr. presidente da provincia e a officialidade da divisão da esquadra de evoluções.

Foi transferida para o dia 30 do corrente, ás 3 horas da tarde, a viagem do vapor *Mearim* ao Mearim e escalas.

Transferencia.

Fica transferida para o dia 2 de junho, ás 6 horas da tarde a viagem do vapor *Mearim* para o Mearim e escalas.

Sociedade Soccorros Mutuos dos Maritimos. Assembléa geral (2.ª convocação) para eleição.

Não tendo hontem comparecido numero legal de socios para se proceder a eleição, de novo os convido para se reunirem no dia 28 do corrente, no lugar e horas do costume.

Outro sim communico que as 7 1/2 horas será impreterivelmente aberta a sessão com o numero que comparecer.

26 de maio. 2409—3

O 1.º secretario, Machado de Faria.

Aviso.

Perdeu-se uma letra do Banco Commercial daclada de 21 do corrente, da quantia de cem mil réis, com destino a ser caucionada no mesmo banco, mas ainda não assignada pelos directores delle, e sim pelo acciente sr. Francisco Bernardino Dias da Silva.

Por tanto declara se que fica sem nenhum valor a mesma letra.

23 de maio. 2429—3

José Antonio Macieira.

Vapor—Cearense.

Espera-se este vapor até o dia 27 do corrente, o qual depois de pouca demora seguirá viagem para New York com escala pelo Pará.

Pede-se aos donos cu consignatarios dos volumes com inflammaveis e mercadorias sobre agua para despachal-os sem demora.

Para carga e passagens tratase com

26 de maio de 1888. 2408

Henry Airlie, consignatario.

Criada.

Precisa-se de uma criada para andar com crianças e fazer serviços leves, na casa n. 11 ao largo do Carmo.

2431—3

Cosinheira.

Alexandre Pires Seabra, á rua da Saude, canto da da Palma, precisa de uma cosinheira que seja perfeita na arte.

2413—3

Transferencia.

Realejo, brinco e botinas fica para 11 de Junho vindouro.

2414—3

Criada.

Precisa-se de uma criada de idade que seja de bõ conducta, a tratar á Praça d'Alegria n. 1.

2428—6

Cacáu.